

PADRE JÚLIO LANCELLOTTI:
a prática e o pensamento social durante a pandemia da Covid-19

Adriana Cristina Alves do Amaral¹
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Resumo

Este artigo debruça-se no debate sobre as questões sociais relacionadas à prática e pensamento cristão associado aos Direitos Humanos, sob a ótica da pandemia da Covid-19 no Brasil. A partir dos conceitos de mistanásia (RICCI) e idolatria do dinheiro (SUNG) propomo-nos a estudar a ação do Padre Júlio Lancellotti, pároco da Capela de São Miguel Arcanjo, que se destacou em suas ações em prol das pessoas que vivem em situação de rua da capital paulista, entre os meses de março de 2020 até a finalização da redação, em janeiro de 2022. Através de suas missas dominicais e publicações em seus canais oficiais nas mídias sociais, o religioso ganhou repercussão internacional pelo engajamento no combate à crise humanitária, tornando-se fenômeno midiático ao dialogar com a Bíblia Sagrada e autores contemporâneos. Um pensador imerso na realidade de seu tempo, que soma seguidores e críticos.

Palavras-chaves: Comunicação. Religião. Direitos Humanos. Padre Júlio Lancellotti. Pessoa em Situação de Rua.

Introdução

Ao mesmo tempo um confessor, agente das causas humanas e formador de opinião, Padre Júlio Lancellotti é conhecido por defender a população mais fragilizada socialmente. Como ele define: os fracos e pequenos. Articulador social capaz de engajar perfis distintos de pessoas, religiosas ou não, em torno de interesses comuns. Buscamos, neste estudo, dialogar com autores que somam ao debate sobre o papel da religião, da economia e o descarte da vida da pessoa humana agravada em tempos de pandemia da Covid-19.

A partir de uma análise crítica-reflexiva, tomando como base a homilia do Padre Júlio Lancellotti na missa do 17º Domingo do Tempo Comum, celebrada em julho de 2021, no canal do YouTube, partimos para o entendimento da complexidade das relações que envolvem dinâmicas distintas como a social e a fé católica. Em sua fala, o religioso versou sobre a “partilha”.

Com Jung Mo Sung, refletimos como a ciência corrobora com a prática litúrgica no pensar social e a partir da reflexão sobre a economia como mito em suas diferentes

¹ Jornalista, Mestre e Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Bolsista CNPq. E-mail: adrianaalvesdoamaral@gmail.com.

vertentes, com foco na prática neoliberal vigente. Com Luiz Antonio Lopes Ricci buscamos compreender o sentido da vida e da morte, por meio do conceito da mistanásia². Ou seja, morte miserável, infeliz, precoce e evitável, como explica o autor.

Não cabe aqui concluirmos como chegamos onde estamos na dinâmica social excludente, que entendemos também ser um reflexo da era da Indústria 4.0³, que parece prescindir cada dia mais da mão de obra, mas como está sendo desconstruída a presença e o papel da pessoa humana na sociedade, numa perspectiva norteadas pelos parâmetros ditados pela economia neoliberal, em que apenas quem produz tem valor. Buscamos repensar como as práticas ideais dos Direitos Humanos Universais sucumbiram aos valores econômicos, tanto legalmente quanto eticamente.

Analizamos como, a partir das suas homilias e publicações nas redes sociais, seja pela oratória, escrita e ações locais, além das reportagens nas mídias hegemônicas e/ou radicais⁴, a voz do religioso reverberou em apoio e críticas.

Ao longo dos anos 2020 e 2021, a importância do ativismo e interseção junto ao Povo da Rua foi reconhecida internacionalmente, inclusive recebendo inúmeros prêmios voltados às práticas dos Direitos Humanos. Também influenciou políticas públicas como o Projeto de Lei 488/2001, batizada de Lei Padre Júlio Lancellotti, prevendo a proibição da arquitetura hostil. Caso aprovada, impedirá o uso de pedras e obstáculos em vias públicas como forma de afastar as pessoas em condições de vulnerabilidade.⁵

Em novembro de 2021, Padre Júlio recebeu a principal honraria concedida pela Assembleia Legislativa de São Paulo, o Colar de Honra ao Mérito⁶. Ao justificar a sua presença na cerimônia, durante uma de suas missas, ele argumentou que iria para incomodar ao falar aquilo que os deputados não queriam ouvir. Na verdade, falou pouco, pois foi homenageado por amigos, ativistas, militantes, políticos, companheiros dos movimentos em prol dos direitos sociais, em cerimônia fechada devido às restrições sanitárias no combate à pandemia da Covid-19.

Por outro lado, o pároco do povo da rua também é hostilizado e

² O conceito de mistanásia vem preencher uma lacuna sentida no habitual trio eutanásia, distanásia e ortotanásia. Na literatura bioética, até recentemente, para se falar em morte social, causada pela pobreza, violência e desigualdade, utilizava-se o termo “eutanásia social” (PESSINI, posição 1038).

³ A quarta revolução industrial baseada em tecnologias de dados.

⁴ Mídias Radicais contemplam as mídias alternativas, engajadas, comunitária, ativista, dentre outras, de acordo com o conceito de J. Downing.

⁵ EMENTA. Altera a Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001 (Estatuto da Cidade), para vedar o emprego de técnicas de arquitetura hostil em espaços livres de uso público – Lei Padre Júlio Lancellotti.

⁶ Ver: A noite em que a Alesp rendeu-se em homenagem ao Padre Júlio Lancellotti. Fonte nas referências deste trabalho.

consequentemente alvo de ataques tanto de autoridades quanto de pessoas nas ruas e internautas. As missas dele chegaram a ser monitoradas pela Delegacia de Crimes Cibernéticos em meados do ano de 2021⁷. Na ocasião, todos os canais do religioso nas redes sociais sofreram ataques virtuais. “Ninguém precisa concordar, mas não é preciso destruir”, ele respondeu na ocasião, justificando que não gostaria de tomar a decisão de envolver a polícia, mas se fosse preciso, o faria.

Alertou que as postagens foram monitoradas e que os culpados seriam identificados: ainda bem que Jesus não tinha redes sociais, porque senão ele seria muito bombardeado, completando que “o conflito está sempre presente na vida das pessoas”⁸.

1.1 Um padre autêntico e que não tem papas na língua

Ao criar o bordão “Força e Coragem. Não desaminem”, padre Júlio Lancellotti nos instiga a entender o sentido da vida e das relações humanas, a partir das histórias bíblicas, atualizando-as para os dias atuais. Os seus sermões associam a realidade vivenciada durante a pandemia da Covid-19 aos exemplos cristãos, rompendo com padrões perfeccionistas e mostrando as inépcias dos homens santos.

Tudo o que o religioso fala e faz repercute nas ruas e web. O homem santo geralmente é chamado pelos desafetos como “comunista” e militante da esquerda, mas defende-se dizendo que tudo o que diz, prega e faz está na Bíblia, para quem quiser ler. Também, periodicamente, é questionado por políticos, autoridades e sociedade.

Formado em Pedagogia e habilitado como Auxiliar de Enfermagem, chegou a atuar no cuidado na rede de saúde e lecionar em universidades. Desde 1986, é pároco da Capela São Miguel Arcajo e reponde ainda pelas missas da Capela da Universidade São Judas Tadeu. Trabalha com diferentes públicos como na Pastoral do Povo da Rua, Pastoral Carcerária e foi um dos protagonistas na assistência às crianças com HIV/Aids, na década de 1990, quando fundou a Casa Vida 1 e 2 e abrigou crianças recém-nascidas órfãos e pré-adolescentes. Em São Paulo, ele coordena as atividades da “Padaria do Povo da Rua”, onde são fabricados, por aprendizes em situação de rua, os pães que são distribuídos diariamente à população carente, durante o café da manhã.

Na liturgia da missa do 17º Domingo do Tempo Comum, ministrada em 25 de

⁷ Ver: Missa é monitorada contra ataques da rede do ódio. Fonte nas referências deste trabalho.

julho de 2021, o Padre Júlio baseou o seu sermão em torno do verbo partilhar, trazendo para a realidade atual a passagem bíblica do “milagre dos pães”. Durante a liturgia repetiu inúmeras vezes que é preciso dar comida ao povo, que ele será saciado e ainda sobrá alimento.

Ao iniciar a celebração, Padre Júlio instigou a reflexão ao afirmar que “não podemos tolerar um povo faminto na fila para pegar ossos, pessoas que comem do lixo. O que Jesus ensina no Evangelho de hoje é partilhar”. Em frente do altar, o chão estava enfeitado com pães produzidos na Padaria do Povo da Rua.

Durante uma hora e meia, o religioso instigou os fiéis a não apenas partilharem o pão, o alimento, mas as ações cotidianas da vida. Padre Júlio é da corrente Franciscana da Igreja Católica e comunga da mesma linha religiosa do Papa Francisco, que prega a Igreja Pobre para os Pobres.

Aos 73 anos, o brasileiro continua sendo considerado um rebelde como era quando jovem, como contou à reportagem publicada no jornal *The Guardian*, no início de janeiro de 2022. “Fui espancado com uma vara de bambu, fui forçado a ajoelhar-me sobre os grãos de milho... um dia, um padre disse que eu pedia demais na aula, que era muito crítico. Eles me expulsaram”.

1.2 Direito à vida

A falta de acesso ao alimento é um dos dilemas enfrentados pela população em situação de rua durante a pandemia. No decorrer de 2020, o isolamento social imposto como medida sanitária para conter a contaminação pela Covid-19 diminuiu a oferta de doações e restos de alimentos nas ruas. Ao longo de 2021, a polêmica do direito a viver nas ruas se intensificou devido ao crescimento do número do Povo da Rua.

De acordo com o Censo da População de Rua de São Paulo, em 2019, viviam em situação de rua 24,3 mil pessoas, número que está sendo atualizado por nova pesquisa censitária (o estudo estava em curso durante a redação deste artigo), mas estimada em mais de 35 mil pessoas no final de 2021.

Padre Júlio denunciou a campanha difundida em várias capitais brasileiras para coibir a doação de esmolas como criminosa, na época. “Que horror. Esmola mantém alguém na rua? Ou será desemprego, falta de moradia, conflitos, abandono. Mais de duzentas mil pessoas no Brasil estão em situação de rua por receberem esmolas?”,

questiona o religioso.⁹

O aumento da pobreza também é consequência da falta de trabalho e oportunidades de geração de renda que se agravou durante a pandemia. De acordo com o IBGE, a pobreza afeta principalmente mais de cinco milhões de brasileiros, os chamados desalentados, que deixaram de procurar emprego no Brasil no final de 2021. O que remete ao pensamento de Ricci (2018) sobre a diferença entre “morte física” e a “morte política”.

Ao pesquisar a morte social, precoce e evitável, o autor afirma que em consequência da desigualdade social há um “exército de vulnerados em situação de risco” no Brasil (RICCI, 2018, posição 91). O autor baseia-se na bioética como “movimento social” e o estuda a partir da reflexão baseada na bioética, com foco na América Latina.

O Brasil tem algo novo a dizer ao mundo, assim como alargar o horizonte da reflexão com a voz mistanásia, que pode perfeitamente ser integrada à sinfonia da bioética global, transnacional e plural, objetivando o bem-viver, a justiça e a vida digna para os empobrecidos e vulnerados considerando que a bioética navega hoje por outros referenciais (RICCI, 2018, posição 118).

Coincidentemente, a obra que contemplamos neste estudo foi recomendada aos fiéis pelo Padre Júlio Lancellotti no final de uma de suas missas dominicais. Ela é fruto da pesquisa de pós-doutoramento em que Ricci afirma que “a sociedade justa é obra política”, alertando que a “reprodução sistêmica de desigualdades e exclusão” expõe à morte. O conceito de mistanásia atualiza o anterior, eutanásia social, no contexto analisado. De acordo com o autor, as pessoas morrem socialmente antes de perder a vida.

Nesse contexto, a população em situação de rua, além de correr o risco de se contaminar pelo vírus SARS-COV 2, padece de fome, descaso, violência física, moral e social. Como Ricci diferencia, morre-se primeiro sociopoliticamente e depois a morte física. Segundo ele, “a bioética, como ética aplicável, situada num contexto social injusto e plural, visa contribuir para a tutela, defesa e promoção da vida, sobretudo a vulnerada, e exposta à possibilidade de morte mistanásica: precoce e evitável” (2018, posição 76).

Entende ainda que a mistanásia “tem força convocatória: evitar a exposição

⁹ Ver: Campanha institucional excludente empobrece as relações humanas. Fonte nas referências deste trabalho.

contínua à morte por meio de práticas plurais integradas no campo da bioética (2018, posição 185).

A morte evitável que atinge o pobre, defende o autor, está associada “à lógica neoliberal do mercado”. São pessoas — explica — consideradas “inúteis e estorvos” porque “não consomem”, ao mesmo tempo em que são “destinatários dos recursos públicos”.

Ricci não descarta os benefícios gerados pelo progresso científico-tecnológico, porém defende a prática da bioética a favor da vida e como “pressuposto essencial de todas as relações humanas” (RICCI, 2018, posição 832).

Sabe-se que diante da interpelação do ‘rostro’ do semelhante, pobre e vulnerado, a responsabilidade ética tende a se potencializar. Na alteridade, o ‘ser’ do outro se manifesta por meio do ‘rostro’, do qual se retiram três categorias que orientam o agir ético e excelente: responsabilidade pelos vulnerados, cuidado -com-paixão e futuridade: vida que deve prosseguir até o seu término natural (RICCI, 2018, posição 840).

1.3 Exclusão é projeto neoliberal

A leitura de Sung nos permite compreender a relação entre fé e capitalismo, Também, ajuda-nos a refletir como o ideal de Igreja Católica, pregado pelo Papa Francisco, tem pensado e trabalhado o tema da exclusão social. O autor entende que a correlação entre as “relações humanas e valor das pessoas” é reflexão histórica. “O que muda nas diferentes civilizações é o critério – por exemplo, ter mais poder religioso ou econômico – e o modo de expressar e justificar essa reverência” (SUNG, 2018, p.7).

No capitalismo, o critério último de valoração é o sucesso econômico ou a quantidade de dinheiro que a pessoa possui e ostenta. E como a cultura dominante na sociedade penetra todos os campos da vida social, até mesmo o campo religioso, é normal que as religiões e Igrejas queiram mostrar-se valorosas por meio da exposição pública ou da ostentação de riquezas (SUNG, 2018, p. 7).

Afirmando que a “dignidade é intrínseca à essência ou natureza humana” e “não pode ser confundida como lugar ou função social de uma pessoa”, ele dialoga com o pensamento do líder da Igreja Católica e com as palavras e ações do padre Júlio Lancellotti. Vai além ao advertir que o valor da vida humana não é mensurável, pois não é mercadoria que se quantifica. “É isso que acontece em todos os sistemas opressivos: reduz-se o ser humano à sua função social” (SUNG, 2018, p.9).

Defendendo que é preciso diferenciar desigualdade social de injustiça social, explica que a hierarquia das funções sociais faz parte do sistema capitalista. “Hoje, com

a hegemonia da cultura neoliberal, a noção de justiça de mercado sobrepujou e legitimou a noção de justiça social” (SUNG, 2018, p. 14).

O ideal utópico do neoliberalismo é um mercado que seja totalmente livre das intervenções e limitações da parte do Estado e da sociedade. Para eles, quem tem direito não são todos os seres humanos, nem todos os cidadãos, mas os que têm capacidade de realizar os seus direitos através da relação de compra e venda, isto é os consumidores que podem pagar no mercado. Os direitos fundamentais dos seres humanos não nasceriam da dignidade humana, mas sim do contrato de compra e venda no mercado (SUNG, 2018, p. 15-16).

As ações praticadas e difundidas pelo padre Júlio Lancellotti são vivenciadas por quem visita e/ou frequenta a pequena paróquia que ele coordena, segundo ele, porque nenhuma outra o aceita. Igreja onde não há luxo nem coleta de dízimos e as portas e o púlpito estão abertos para a população em situação de rua, de vulnerabilidade e ativistas dos movimentos sociais. Padre Júlio concentra a voz dos excluídos, denunciando, como alerta Sung, “a grande injustiça social” que, hoje em dia, são “a exclusão social e a profunda desigualdade social que marcam a globalização”, mas que são refletidas nos nossos mundos particulares.

O teórico corrobora com o religioso ao denunciar que a prática opressora “é dever de todos tomar partido daquele que está sendo oprimido. A neutralidade nessa situação é ser conivente com a negação da dignidade” (SUNG, 2018, p. 12). Para ele, “sem a crítica do caráter inquestionável do mercado, não é possível avançar nas lutas por mais justiça social” (2018, p.25), argumentando ser necessário ir além do vivo na atualidade, pensando o futuro que não está contido no mundo globalizado de hoje.

1.4 Estado de Direito e omissão do Estado

Ricci pondera que a vida não é apenas um bem pessoal, mas social, entendendo a Justiça Social como “princípio que obriga a comunidade a garantir a todos os meios de acesso” e que “o princípio da sociabilidade se une ao de subsidiariedade”. Ou seja, “ajudar onde é mais grave a necessidade”. Citando o Papa João Paulo II, lembra que “o homem que sofre pertence-nos”.

Sung remete ao Papa Francisco ao desvelar que, a partir da prática litúrgica, conseguiu chamar a “atenção do mundo” com a crítica à “idolatria do dinheiro”. O próprio Papa Francisco, por sua vez, reconhece o importante papel social do Padre Júlio Lancellotti e chegou a telefonar para o brasileiro pedindo a ele que não “desanimasse” em sua luta, num dos momentos de críticas recebidas.

“O Papa foi muito simples e próximo, como se conversássemos todos os dias... Eu levei um susto. Quando ele disse que era o Papa Francisco, fiquei incrédulo no primeiro momento”, contou o Padre Júlio¹⁰. “O Papa disse que nos acompanha com carinho, sabe das dificuldades que vivemos e para que não desanimemos e tenhamos coragem, como Jesus, estando sempre junto dos pobres”, completou.

Jung analisa a questão da dignidade humana de forma ampla, questionando os saberes religiosos, econômicos, sociais. Especificamente, quanto à fé afirma ser uma prática que transcende ao divino e os diferentes poderes. “É o salto espiritual e epistemológico que nos permite ver o que a idolatria não deixa as pessoas verem, o que é inevitável aos olhos do mundo: a dignidade fundamental de todos os seres humanos e seu direito de viver a vida (SUNG, 2018, p.242).

Vida que está em risco, pois não consegue ser plena, como sugere Ricci ao afirmar que “tutelar a vida implica em promovê-la por meio de um serviço generoso, atento e criativo (RICCI, 2018, posição 973). O que implica, acredita, na real luta pelo bem viver a realidade.

1.5 Uma missa que vale uma aula

As missas do Padre Júlio ao longo da pandemia da Covid-19 foram ministradas inicialmente de forma virtual e, depois, presencialmente para um público reduzido de fiéis, devido às restrições sanitárias da Covid-19. No entanto, elas foram acompanhadas por milhares de seguidores nas mídias sociais, inclusive fora dos limites geográficos brasileiros e podem ser conferidas a qualquer momento pela internet na página da paróquia, ou pelo YouTube. Nelas, o religioso alterna a leitura bíblica da análise política e perplexidade pessoal.

Ouçam aí em Brasília, ouçam no centro financeiro e político do Brasil: dá ao povo que coma. Entenderam? ... E a resposta vem dos poderosos e daqueles que assumiram a lógica neoliberal e do poder: como vou distribuir tão pouco para milhões de brasileiros e brasileiras, pessoas que estão sendo atingidas pela fome?... O evangelho nos deixa claro que é possível dividir pouco e comerão e ainda sobrar. Levem a sério a palavra de Deus. Tem gente que fica procurando na palavra de Deus como vai fazer para condenar o outro... Dá ao povo que coma e comerão e ainda sobrar. Deu para entender? Não é possível continuar num país onde o número de pessoas abaixo da linha da miséria é cada vez maior. É um escândalo pessoas ficarem na fila para pegar pedaços de ossos. Saciai os vossos

¹⁰ Ver: Papa liga para Pe. Lancellotti e manifesta seu amor pela população de rua. Fonte completa nas referências deste trabalho.

filhos, Senhor. É essa a sua vocação (LANCELLOTTI, 2021).

Citando a epístola de São Paulo aos Efésios, padre Júlio lembra que a vocação cristã dos homens é ser irmão uns dos outros, defendendo que só Deus é o pai de todos. Na missa, pediu atenção ao afirmar que Ele (Deus) age por meio de todos e que “ninguém pode dizer que não é a sua obrigação”. Sobretudo, em função da falta de recursos financeiros. “Chega de miséria, de sonegar ao povo o direito de ter alimentação e vida digna”.

Recorre ainda ao Capítulo 6 do Evangelho de João para lembrar que a Bíblia não é para ser guardada na estante, mas deve ficar ao alcance das mãos. Também, que Jesus está sempre do outro lado e não onde há tranquilidade. Completa que Jesus está dentro da multidão e é seguido por ela que nEle encontra vida, pois Ele (Jesus) acredita na sua humanidade.

Dá ao povo que coma e fazer sentar as pessoas, pois essa é a posição da pessoa livre. A partilha exige a liberdade do amor... Que todos sejam livres numa economia e sociedade distributiva e não de acumulação e meritocracia... Da necessidade nasce e sociedade e de maneira distributiva de agir todos comerão, serão saciados e ainda sobrarão. Questionando a justificativa oficial do Estado brasileiro de que não há orçamento pondera sobre as prioridades. Amplia o debate para a fome no mundo, principalmente para a realidade da ‘África ferida e abandonada’ onde no século 21 ainda as crianças morrem em consequência da desnutrição (LANCELLOTTI, 2021).

Considerações Finais

A pandemia da Covid-19 nos desvelou uma sociedade desigual em diferentes aspectos, refletidos quando as medidas sanitárias exigiram o isolamento social. Num primeiro momento, o Brasil foi dividido entre os que tinham ou não uma casa, e com o passar dos meses viram suas vidas serem afetadas pela economia recessiva, o aumento do desemprego e da inflação. Consequentemente, aumentou-se a distância social entre a população com e sem casa, o que gerou o aumento das pessoas em situação de rua.

Padre Júlio, ao longo da pandemia que ainda assola o Brasil neste mês de janeiro de 2022 e agravada pelas mutações do coronavírus, do vírus influenza (gripe) e associação de ambas as doenças, tornou-se o porta-voz do povo oprimido, dos pequenos e dos fracos, das minorias sociais. Ele nos lembra que o universo nas ruas reflete a sociedade, onde convivem em conflito pessoas de etnias, identidade de gênero, idade, condição social e ideais políticos distintos. Dos sem vacina, inicialmente, àqueles que

recorrem às lixeiras para se alimentar e os que perderam os seus familiares, amigos e vidas em decorrência da Covid-19.

Com mais de um milhão de seguidores nas redes sociais, padre Júlio publica pessoalmente os conteúdos nas redes: Twitter, Facebook e Instagram, mas conta com o apoio de voluntários que o ajudam em suas obras sociais e mantém o site oficial da Capela São Miguel Arcanjo, além de fotógrafos e cinegrafistas que registram suas ações nas ruas. Durante os anos de 2020 e 2022 foram publicados vários livros que contam a sua trajetória. Dentre eles, um com o sugestivo nome *Tinha uma pedra no meio do caminho*, numa analogia aos paralelepípedos concretados pela prefeitura de São Paulo embaixo de viadutos e o padre que os retirou a marretadas.

A homilia proferida pelo Padre Júlio na missa do 17º Domingo do Tempo Comum, celebrada no dia 25 de julho de 2021, teve mais de 13 mil visualizações somente no YouTube, fora a audiência nas demais redes sociais. A partir do tema da partilha, o religioso prega, segundo o pensamento divino, o que importa é repartir o que se tem “até que todos comam até ficarem satisfeitos”.

Provocativo, ele questiona: Se todos ouvirem a palavra de Deus a partir de amanhã o Brasil será outro... A palavra de Deus é contundente, nos chama a atenção, é provocante, nos traz força de mudança e de transformação.

Padre Júlio não é um “popstar” como outros religiosos. Ele não gravou discos ou dança em palcos ou participa de programas de entretenimento. Suas entrevistas provocam a reflexão ao desvelar uma realidade dura, sempre questionando a postura individual como catalisadora do bem coletivo. Seja no altar ou nos diferentes púlpitos e publicações escritas, ele critica o neoliberalismo como responsável pelo descarte da vida humana e, nesse aspecto, dialoga com os autores citados ao longo deste texto.

Ou seja, como o valor da vida humana é medida a partir dos recursos econômicos acumulados. Principalmente, tenta desvelar aos ouvintes que as relações atuais entre os homens não são aceitáveis nem na Igreja nem socialmente e que a diversidade humana requer olhar, gestos e atitudes humanizadas.

Entendemos que capitalismo não é um mal em si mesmo, mas sim a forma como ele é gerido. As teorias marxistas justificam a existência do exército de reserva de mão de obra como uma forma de controle econômico onde para cada trabalhador insatisfeito e que reivindica os seus direitos haverá mais de um em busca de trabalho remunerado. Nesse contexto, ainda resistia um cenário para lutas de classes, motivando avanços e

retrocessos a partir das negociações das reivindicações dos trabalhadores.

Ricci corrobora para esta análise atualizando o contexto atual, a partir do que ele chama de “exército de vulnerados em situação de risco”, ou melhor, os brasileiros que vivem em situação de desigualdade social e pobreza extrema devido ao descaso social e político. Exatamente o brasileiro visibilizado pelo padre Júlio Lancellotti.

A modernização dos processos industriais através da tecnologia aumentou o abismo social em realidades como a do Brasil, onde a capacitação míngua numa realidade de analfabetos funcionais; as novas técnicas de comunicação; por outro lado, fomentaram um novo formato de diálogo mediado pelas ferramentas como computadores e smartphones. Já a ramificação das políticas neoliberais criou novos perfis de trabalhadores, sem vínculos entre si e que não contemplam as classes sociais como eram formadas até um passado recente.

O número de trabalhadores inseridos na nossa categoria dos precariados que, de acordo com Ruy Braga é “formada pelo setor da classe trabalhadora pressionado pelo aumento da exploração econômica e pela ameaça de exclusão social”, aumentou no pós-pandemia e/ou foi exposto aos ricos da contaminação pela Covid-19 ao longo dela.

Os que puderam ficar em casa produzindo e rendendo lucros, a partir do trabalho remoto, e os que mantiveram os vínculos trabalhistas atuando presencialmente devido à essencialidade das suas funções, determinadas de acordo com a visão do Estado (comerciários, trabalhadores em saúde e serviços públicos como a coleta de lixo, entregadores entre outros) expuseram-se diariamente com direitos. O exército do precariado arriscou-se duplamente: para defender-se do vírus e para sobreviver e garantir a comida e pagamento das contas. Nesse cenário, trabalhadores também foram demitidos e segmentos econômicos encerraram as suas atividades, assim como os profissionais domésticos foram afastados de suas funções ou culpados de transmitir o vírus aos patrões.

Durante a pandemia, as relações de trabalho formal e informal se transformaram e os contrastes se intensificaram. O isolamento social, a insegurança sanitária, a espera pela imunização criou novas formas e relações trabalhistas, ao mesmo tempo em que fomentou a exclusão. Nesse cenário catastrófico, o Estado brasileiro escolheu o lado da economia em detrimento do social, gerando um batalhão de desocupados e, conseqüentemente, sem teto.

Por tudo isso, entendemos que estudar as ações, falas e publicações do padre

Júlio Lancellotti é essencial. Universo de pesquisa que extrapola a ciência da religião, mas converge para as ciências econômicas e sociais. Relacionar a comunicação feita por ele com a realidade da economia de mercado e banalização da morte social — defendemos — também é papel da comunicação social. Acreditamos sobretudo que o resgate dos direitos sociais conquistados ao longo do século no mundo e a partir da década de 1970, principalmente com a mobilização social no Brasil, precisa ser retomado. O que também passa pela discussão ética que modifica a prática individual e coletiva.

Nesse contexto, concordamos com Ricci que a eutanásia social acontece no campo econômico-sanitário e corroboramos com o pensamento de Jung que a justiça do mercado legitimou a injustiça social. Sobretudo, entendemos que padre Júlio Lancellotti não apenas tornou-se a voz dos emudecidos, mas a consciência de toda a classe de pessoas que individual ou coletivamente podem mudar o rumo do descaso social.

A precarização da vida humana seria um processo sem volta? Seria um fenômeno justificado ao longo da história, que nos remete a tantos exemplos anteriores? Qual o papel da comunicação social nesse debate?

Propomos que esse debate iniciado neste estudo seja levado à frente por outros pesquisadores sinérgicos. A partir das perguntas talvez consigamos avançar nas reflexões, colaborando com as indagações do pároco do Povo da Rua. Quem sabe, somaremos na busca de caminhos que resgate a dignidade inerente a todas as pessoas.

Referências

AMARAL, Adriana do. A noite em que a Alesp rendeu-se em homenagem ao Padre Júlio Lancellotti. **Construir Resistência**. Publicado em: 5 nov. 2021. Disponível em: <https://construirresistencia.com.br/a-noite-em-que-a-alesp-rendeu-se-em-homenagem-ao-padre-julio-lancellotti/>. Acesso em: 6 jan.2022.

AMARAL, Adriana do. Campanha institucional excludente empobrece as relações humanas. **Construir Resistência**. Publicado em: 9 nov. 2021. Disponível em: <https://construirresistencia.com.br/campanha-institucional-excludente-empobrece-as-relacoes-humanas/>. Acesso em: 6 jan.2022.

AMARAL, Adriana do. Missa é monitorada contra ataques da rede do ódio. **Construir Resistência**. Publicado em: 6 jun. 2021. Disponível em: <https://construirresistencia.com.br/missa-e-monitorada-contra-ataques-da-rede-do-odio> Acesso em: 7 jan.2022.

HOMILIA DO PADRE JÚLIO LANCELOTTI no 17º Domingo do Tempo Comum. 2021. 1 vídeo (17min 13 seg). **Youtube**. Publicado em: 25 jul. 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ahSCkX3BBoU>. Acesso em: 20 ago.2021.

MIRANDA, Beatriz; CHEIBUB, Ian. Preaching truth to power: the São Paulo priest standing up to Bolsonaro. **The Guardian**. Publicado em: 4 jan. 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2022/jan/04/preaching-truth-to-power-the-sao-paulo-priest-standing-up-to-bolsonaro>. Acesso em: 4 jan.2022.

PAPA LIGA PARA PE. LANCELLOTTI e manifesta seu amor pela população de rua. **Vatican News**. Publicado em: 10 out.2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-telefona-padre-julio-lancellotti-moradores-rua.html>.

PROJETO DE LEI. PL 488/2021. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2277346>. Acesso em: 6 jan.2022.

RICCI, Luiz Antonio Lopes. **A morte social** - mistanásia e bioética. São Paulo: Paulus, 2018. E-book Kindle.

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos** – Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018.